

## REFLEXÃO SOBRE A COLONIZAÇÃO GREGA NA PENÍNSULA ITÁLICA SOB A ÓTICA CAMPANIANA

Lidiane C. Carderaro dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da relação de interação entre gregos e campanianos, buscando interpretar uma visão dos povos itálicos sobre os gregos, colonizadores. Intenta-se, com isso, levantar questões etnográficas e etnológicas inerentes a esta interação, levando em conta a forma como a região da Campânia foi colonizada, tanto pelos gregos quanto por outros povos. A partir da localização geográfica, são identificados alguns povos itálicos que coabitaram a região e se relacionaram, pacificamente ou não, antes mesmo da chegada dos gregos. A intervenção grega é relatada por alguns historiadores antigos, com maior ou menor precisão, e será a base literária da discussão, dado que os testemunhos por parte das populações itálicas são de natureza material. A relação entre os diferentes tipos de testemunho deve, ao final desta investigação, fomentar uma ideia acerca da relação entre esses povos, e como essa hibridização cultural se reflete na produção cerâmica local.

A região da Campânia está localizada geograficamente entre o mar Tirreno a oeste e a cordilheira de Apeninos a leste, tendo ao sul a região do rio Sele constituindo a fronteira com a Lucânia e ao norte uma região dominada pelos etruscos. Sendo assim, a Campânia se caracteriza por constituir-se um território palco de colonização por diversos grupos étnicos, provenientes também das distintas regiões limítrofes.

---

<sup>1</sup> PPGH-UFPel; Bacharel em Letras – Português/Grego Antigo (USP), Licenciada em Letras – Português (USP), Especialista em Estudos Clássicos (UnB), Mestranda em História (UFPel); Bolsa de mestrado CAPES. lidianne@gmail.com



# ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES



(Fig. 1) Mapa da Magna Grécia: colônias gregas do sul da Itália. (Adapt. de A. Pollini, 2011)

As antigas populações da Campânia tiveram um desenvolvimento complexo e não seguiram uma evolução homogênea territorialmente. Para compreender os aspectos dessa interação é interessante sublinhar a pluralidade cultural dessas populações que, conforme relatado por D'Agostino (1987, 24), incluem os Enótrios, os Oscos, os Samnitas, os Campanos e os Etruscos.

Sem abordar com profundidade a questão da diferenciação étnica desses povos, é preciso ter em mente que as próprias populações não gregas que entraram em contato com os colonos são resultados de miscigenação étnica, carregadas de elementos de origens distintas e em diferentes intensidades, tanto com relação à localização geográfica quanto à época em que estão inseridas.



Ainda segundo D'Agostino (1987, 30), os gregos chegaram à região da Campânia em meados do século VIII a.C. e fundaram Cuma, ao norte, onde antes habitavam os Oscos. O resultado quase imediato da chegada dos gregos, não apenas na Campânia mas em toda a Península Itálica, é o deslocamento das populações itálicas da costa em direção ao interior, até a base da cordilheira de Apeninos. Esse deslocamento, no entanto, longe de significar o fim do intercâmbio cultural e comercial entre gregos e itálicos, intensifica esses relacionamentos, fato que é atestado pelos vestígios materiais, especialmente as cerâmicas encontradas nesses locais. Ao considerarmos, então, que os colonos gregos não se estabeleceram em uma região deserta, se torna ainda mais necessário traçar um esboço das populações itálicas na região. Antes de mais nada, Pollini (2011, 74) esclarece que o que esses gregos denominavam por *éremos chora* (terra desabitada) para designar as regiões onde chegavam e fundavam suas “cidades” deve ser interpretado no sentido colonial grego, ou seja, terra não habitada por povos gregos. Nesse sentido, é possível inferir que eles não consideravam enquanto parte do processo de colonização a presença dos povos itálicos. Ao menos não como interferência na instalação das colônias.

As principais colônias gregas tratadas aqui dividem-se em Poseidônia ao sul, Cuma e Nápolis ao norte e Pontecagnano e Fratte na região meridional da Campânia.

A região ao sul do rio Sele, norte da Poseidônia, foi predominantemente colonizada pelos gregos vindos também de outras partes da Península Itálica, como os aqueus da Apúlia e da Lucânia (Estrabão, V, 4-13); já ao norte os etruscos chegaram a dominar, embora não tenham sido autóctones, mas provenientes de regiões ainda mais ao norte. O elemento etrusco impôs sua hegemonia na Campânia entre o final do século VII a.C. e o início do século VI a.C. (Pontrandolfo; D'Agostino, 1990, 103), relativamente pouco tempo após da chegada dos gregos. Por conseguinte, os habitantes, principalmente da região da Poseidônia, entraram em contato com diversas populações, que por si apresentavam variados graus de assimilação desses elementos etruscos, fosse na arquitetura, na produção cerâmica ou na maneira dos rituais religiosos e funerários. Fala-se, assim, de populações etrusco-campanas, na intenção de evidenciar esse aspecto híbrido e variado que caracteriza as populações da região. Esse caráter misto é perceptível sobretudo em justaposições de inscrições itálicas e etruscas, assim como na utilização dos alfabetos etrusco e grego para transcrever a língua osca dos nativos.



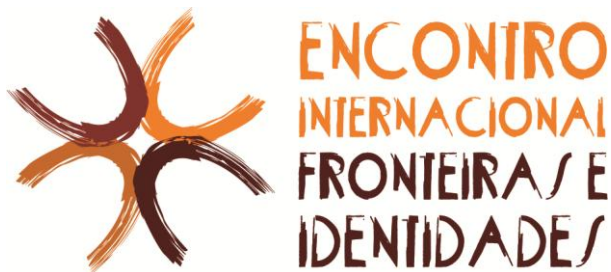
Na região da Poseidônia, por outro lado, foi significativa a presença de uma população de campanos de origem osca, diferentes dos Samnitas provenientes da Lucânia que também habitaram a região. Ao menos desde 438 a.C. os Oscos possuíam uma organização política suficientemente desenvolvida, motivo pelo qual essa população conquistou uma parte considerável da região da Campânia, desde o sul até o norte, inclusive Cápua em 423 a.C., conforme relato de Tito Lívio (IV, 37), e Cuma em 421 a.C., de acordo com Diodoro Sículo (XII, 76), cujos habitantes se refugiaram em Nápolis. Os campanos conquistaram a cidade grega que os etruscos não conseguiram alguns anos antes e Cuma se tornou, então, a primeira colônia grega da Itália meridional a passar para a dominação de uma população itálica.

Os Lucanos de origem samnita estavam próximos à Poseidônia desde o final do século V a.C. e provavelmente constituíram uma ameaça constante aos colonos gregos, dada a sua conhecida natureza bélica. Entre todos os povos a atuar na região próxima ao Sele, Campanos, Gregos, Etruscos e Lucanos, estes demonstraram ter sido os mais militarmente consistentes. (Pollini, 2011, 82)

Ainda de acordo com Pollini (2011, 82), as contradições políticas, territoriais e étnicas existentes na Itália meridional foram marcadas por meio de inúmeras guerras que ocorreram na Campânia entre as diversas etnias que a habitavam, entre o final do século IV e o início do III a.C. Fato evidenciado ao se considerar as múltiplas possibilidades de oposições e alianças entre os povos itálicos (Lucanos, Samnitas, Bruttii), os Gregos (de Taranto e Nápolis) e os Romanos. Estes últimos acabaram por posteriormente conquistar a região, já no segundo quarto do século III a.C.

Estrabão, no seu livro V da *Geographia*, fala da chegada de colonos provenientes de Sybaris, na Lucânia, que se estabeleceram na região da Poseidônia. A partir de material arqueológico encontrado nas tumbas da cidade e por meio das pinturas parietais das necrópoles foi possível identificar um novo modo de ritual funerário, diferente do grego em ornamentação e disposição dos elementos, que pôde ser datado de finais do século V a.C., o que permite confirmar a conquista da cidade grega pelos lucanos nesse período (Pollini, 75).

Os Sobélios eram um outro grupo étnico que exercia influência no território da Campânia, assim como na Lucânia. Eles habitaram mais especificamente na região centro-sul Apenina, cuja cultura foi exportada a áreas ocupadas na Idade do Ferro por gregos e etruscos ao longo da costa e das planícies aos pés do Apeninos. Eram, portanto, distintos dos Samnitas,



população que habitou a mesma região e que se uniu a outras etnias contra Roma entre o final do século IV a.C. e início do III a.C. Ao se analisar as fontes textuais que tratam desse período, encontra-se certa inconsistência acerca da identidade de Campanenses e Lucanos, resultado da variedade de evidências gregas e romanas e da difícil distinção entre elas por parte dos escritores augustianos, a exemplo de Tito Lívio e Higino.

É preciso ressaltar que a maior parte das evidências literárias datam do período da organização administrativa de Augusto, ao menos três séculos posterior ao período aqui tratado, o que as torna já influenciadas pelo distinto contexto em que foram produzidas. Mesmo Estrabão é posterior cronologicamente a esse período.

Pontecagnano, uma cidade etrusco-campana litorânea ao norte da Poseidônia, é outra cidade que parece ter tido um papel central para essas populações que habitavam a região. Esse centro apresenta uma ocupação ininterrupta desde a 1ª idade do Ferro ao menos até o final do século VI a.C. Observa-se uma organização bem articulada da ocupação da região, com uma definição dos espaços funerários e sacros, assim como os lugares de agregação e habitação. Tal distribuição é um indício importante que nos permite sugerir uma grande capacidade de organização social e indica que a diferença entre níveis de desenvolvimento das populações de Pontecagnano e dos colonos gregos não era muito grande. (Pontrandolfo, 2011, 55)

O reconhecimento do nível elevado de organização das populações etrusco-campanas, como a que habitava Pontecagnano, leva a acreditar que existia uma percepção diferente dos gregos em relação a esses povos. As relações de fronteira dos gregos habitantes da Poseidônia com outros centros, caracterizados por uma forte matriz etrusca, parecem, por isso, diferentes daquelas com outras populações instaladas a leste da cidade, de certa forma considerando essas populações mais semelhantes a eles próprios, gregos (Pontrandolfo, 2011, 55). Por outro lado, a existência de um porto em Pontecagnano certamente favoreceu seu desenvolvimento econômico e social, assim como favoreceu o contato com os gregos que chegavam também por mar, estabelecendo intensas atividades comerciais. O período do apogeu da economia local se situa em meados do século VII a.C., justamente às vésperas da chegada dos gregos. Os indícios materiais ali encontrados, sobretudo as grandes cerâmicas, mostram que a atividade econômica de Pontecagnano se distinguia claramente da dos grupos indígenas do interior, que visava o consumo local. Apesar de apresentar sinais de enfraquecimento em

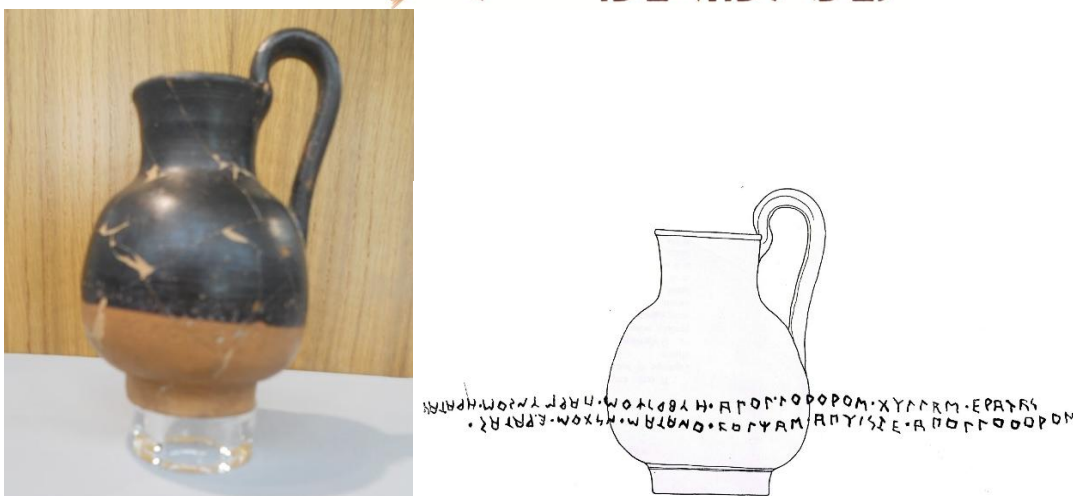


meados do século VI a.C., pode-se observar uma intensificação dos intercâmbios entre gregos e indígenas a partir do final do século VI e início do V a.C.

As tumbas de Fratte, centro litorâneo ao norte de Pontecagnano, representam uma das melhores manifestações da influência cultural e econômica de Poseidônia sobre a Campânia, dado que a localização de Fratte a coloca como ponto de interseção entre Pontecagnano, Poseidônia e as principais cidades ao norte, Nápolis e Cuma. Esta influência grega sobre toda a região é visível não somente no comércio mas também nos contatos de natureza cultural, até mesmo em âmbito privado.

Um bom exemplo dessa interação é a descoberta de uma inscrição em morfologia arcaica grega em uma olpa em Fratte (Fig. 2), datada do início do século V a.C., que faz referência a pessoas de diversas etnias: “Apollodoro ama Ksylla, Vulca sodomiza Apollodoro / Onata ama Niksos, Hybrico ama Parmynio” (Pontrandolfo, 1987, 59).

A inscrição apresenta nomes de pessoas, provavelmente todas masculinas, em grego (Apollodoro e Onata), etrusco (Vulca) e de etnias itálicas não identificadas (Ksylla, Niksos, Hybrico e Parmynio). Além disso, essa cerâmica, cujo material de fabricação é provavelmente originário da Poseidônia, indica, pela sua proveniência, a mobilidade material, e pelo seu formato o consumo de vinho e a prática de pederastia no local, pois essa forma de cerâmica, destinada sobretudo ao consumo de vinho, é associada ao ambiente do *symposion* grego, essencialmente masculino e em que a pederastia era praticada. Essa cerâmica atesta, portanto, não apenas as possíveis trocas comerciais entre os povos mas, sobretudo, relações de interação social entre as diversas etnias. (Pontrandolfo, 1987, 63).

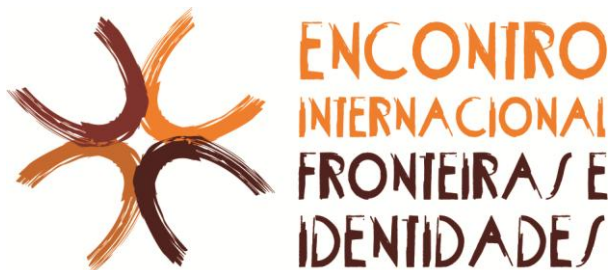


(Fig. 2) *Olpetta di Fratte*, Necrópole de Fratte, séc. V a.C. Museo Provinciale di Salerno. (Foto e ilustração de A. Pontrandolfo, 1987)

De modo geral, o material arqueológico na área da Campânia é datado como posterior à 1ª Idade do Ferro, entre o século X e o IV a.C., e distribuído majoritariamente entre três cidades, Cuma, Cápua e Poseidônia. As primeiras importações de cerâmica grega em ambiente etrusco-campano datam, por sua vez, do segundo quartel do século VIII a.C., e demonstram um intenso comércio entre os centros itálicos e as primeiras colônias gregas estabelecidas na costa do mar Tirreno (Pollini, 2011, 79).

Apesar dessa longa ocupação, Trendall (1989, 16) aponta que as pesquisas arqueológicas no território da Poseidônia encontraram poucos traços de ocupação durante o final do século V a.C. e início do IV a.C. Por conseguinte, as análises relativas a esse período são bastante reduzidas e nos informam relativamente pouco sobre a ocupação das terras.

É importante ressaltar que diversos sítios utilizados durante o século VI a.C. não apresentam nenhum vestígio datado do século V a.C., mas serão ocupados no século IV a.C. (Pollini, 2011, 77-78) Não existe até o momento, porém, uma resposta clara sobre a causa desse “vazio” relativo ao século V a.C., mas algumas hipóteses que apontam para a contemporânea Guerra do Peloponeso, que acontecia na Grécia, pois nesse período Esparta assumiu a hegemonia na Magna Grécia, fazendo com que os atenienses buscassem novos mercados para seus produtos, inclusive a cerâmica, como o norte da África e a região do Mar Negro. Como esses espaços na Campânia apresentam vestígios cerâmicos importantes datados



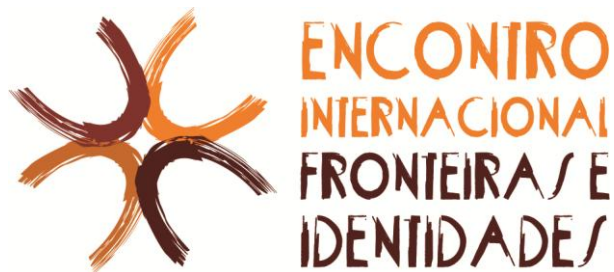
do século IV a.C. não podemos falar de abandono total das regiões. Contudo, a história de dominação da cidade de Poseidônia por diferentes povos ao longo do tempo, e da própria Campânia, principalmente com a conquista pelos Lucanos, permite que se proponha uma hipótese para explicar a diminuição no fluxo do comércio com os atenienses.

Durante todo o século V a.C., as diversas populações se opuseram em conflitos de grande impacto na região, especialmente ao norte. Cuma, cidade grega, passou ao controle dos campanos, já os etruscos perderam progressivamente sua influência, enquanto os lucanos constituíam a principal ameaça para as cidades gregas do sul da Itália (Pollini, 2011, 86). Percebe-se a expansão do domínio etrusco na região no início do século, marcada principalmente pela batalha de Cuma em 474 a.C., que opôs etruscos, que atacaram por mar, e cumanos, obrigados a pedir ajuda à potência grega ocidental da época, Siracusa. Diodoro Sículo (XI, 51) relata a esse propósito que a frota siracusana venceu os etruscos em Cuma, tendo como consequência o enfraquecimento dos etruscos na região do litoral Tirreno e o aumento da influência siracusana na região, além da instalação de um posto militar próximo a Cuma (Estrabão, V, 4). Porém ao sul, próximo à Poseidônia, existiu sempre uma população etrusca bastante ativa.

As necrópoles campanianas fornecem ainda dados mais consistentes para atestar aspectos da relação entre gregos e campanianos, dado que constatou-se que as tumbas femininas próximas aos centros de colonização grega, desde Poseidônia até Cuma, eram adornadas com elementos itálicos, enquanto as masculinas com elementos gregos típicos, especialmente de temática bélica. Uma hipótese para explicar o fenômeno está no relato de Estrabão (V, 4) de que os gregos, ao chegarem à região, teriam tomado Cuma e Pitacusa à força, na maior parte matando os homens e tomando suas mulheres por esposas. Estrabão, que classifica essa prática como um ato de *hybris*, afirma ainda que traços do modo de vida grego foram preservados nessas colônias, tanto com relação à religião quanto com respeito à lei.

Analisando as pinturas das tumbas nas necrópoles, juntamente com a iconografia dos vasos ali encontrados, pode-se ver representado o modo de vida de uma cultura híbrida. As cenas de combate em vasos campanenses refletem o interesse em estabelecer a superioridade da sua cavalaria sobre os oponentes lucânicos do século IV a.C. Esse momento de conflito vai, aliás, marcar a produção artística com uma abundância da temática iconográfica bélica. A





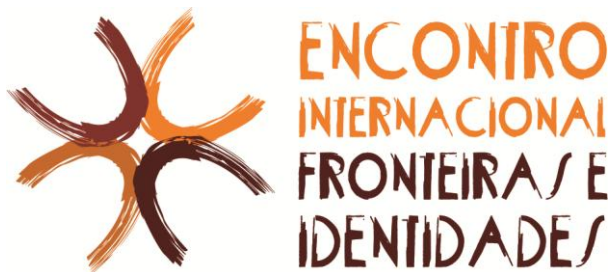
conexão entre a temática bélica e a figura da matriarca, retratada na iconografia, deriva da esfera religiosa, posto que as divindades femininas assumiram uma importância singular na Península Itálica pré-romana. Havia predominantemente santuários a Keres e a Hera, sendo esta a maior divindade grega em Cuma e Poseidônia na época.

De maneira distinta dos centros de maior influência grega, os sítios do interior foram ocupados por nativos e se desenvolveram entre as culturas etrusca e latina do centro-norte da Itália. Por conseguinte, o influxo etrusco legou uma arte bastante rica, especialmente em Cápua.

Enquanto a produção cerâmica na Apúlia e na Lucânia seguia os tipos atenienses com relação principalmente ao formato dos vasos, aos quais acrescentaram posteriormente características distintivas próprias, a Campânia somente apresentou vasos de figuras vermelhas produzidos no local a partir da metade do século V a.C. Antes disso, os vasos de tipologia grega eram apenas importados de Atenas. (Trendall, 1989, 9)

Ainda de acordo com Trendall (1989, 10), a Campânia também vai produzir posteriormente vasos com formas próprias. Uma bastante característica é a ânfora, que pode apresentar uma alça próxima à boca para que seja suspensa. Enquanto os artistas de outras regiões da Península Itálica, especialmente da Apúlia, são conhecidos por decorarem os vasos com grandes composições iconográficas e por produzir em grande escala, os da Campânia caracterizam sua produção majoritariamente por iconografias com figuras ou cenas únicas.

Uma das formas mais comuns para a decoração dos vasos de médio e pequeno porte, de até aproximadamente 35 cm de altura, é a pintura negra com apenas uma figura central, geralmente um jovem, um sátiro, um Eros, uma mulher, uma Nike ou, menos frequentemente, um animal. As figuras nesse tipo de vaso têm o aspecto visual semelhante ao decalque, com bordas interrompidas. Vasos de médio a grande porte, com altura a partir de aproximadamente 30 cm, de maneira também bastante comum, trazem temáticas não só do cotidiano mas também da mitologia grega, especialmente a conectada com o teatro de Eurípidés, e cenas dionisíacas. Cenas teatrais, especialmente retratando tragédias eurípidianas, são relativamente populares na iconografia desses vasos, que por si obtêm maior destaque. Interessa ainda constatar na iconografia italiota referências a mitos gregos pouco ou nunca encontrados em outro lugar, como Calisto e Melanipe. (Trendall, 1989, 12)



Os vasos itálicos oferecem importantes características de estilo e temática, pois não ilustram apenas o desenvolvimento do local onde são produzidos, influenciados pela longa e arraigada tradição grega, mas refletem a vida e os costumes dos colonizadores gregos em contato com os povos nativos, especialmente no 4º século, além de cenas de drama grego e mitológicas. Isso porque o 4º século viu um declínio político importante, além da contração do poder etrusco na Itália, que coincidem com a queda na importação de vasos áticos (Trendall, 1989, 12-16).

A busca de novos mercados pelos atenienses pode ajudar a explicar por que os vasos com temática teatral na Magna Grécia vão prevalecer nessa época. Enquanto os atenienses se ocupavam em adaptar sua produção aos novos mercados, na África, na Península Ibérica e no Mar Negro, os gregos das colônias da Península Itálica nutriam um entusiasmo pelo drama grego.

Conclui-se, com todo o exposto, que as relações interculturais na região da Campânia se deram no sentido de formar, a médio e longo prazo, uma identidade própria, híbrida, detentora de características culturais tanto dos povos itálicos que já habitavam a região quanto dos gregos e etruscos que exerceram suas dominações.

A arte produzida na região, seja nas tumbas das necrópoles, seja em material cerâmico destinado a contextos funerários ou religiosos, traz marcada a influência grega, mas bem determinadas as características itálicas, demonstrando que embora se relacionassem e se mesclassem, gregos, etruscos e itálicos mantinham, cada qual, suas próprias culturas e demarcavam claramente os limites da interinfluência entre elas. Contudo, essa persistência na manutenção da própria cultura não impediu que os indivíduos se relacionassem inclusive no âmbito privado, como atesta a *olpetta di Fratte*.

Por fim, a composição de uma cerâmica adornada de tipologia única encerra as questões relativas à convivência e influência das diversas culturas, a exemplo da temática grega agregada à forma itálica influenciada, especialmente no interior, pelo rico adorno típico da cerâmica etrusca.



### Fontes literárias:

Diodoro Sículo, *Bibliotheca Histórica*, Translation by C. A. Oldfather, LOEB Classical Library Series, Harvard University Press, 1954.

Estrabão, *Geographia*. Translation by H. L. Jones, LOEB Classical Library Series, Harvard University Press, 1932.

Tito Lívio. *History of Rome*. Tradução para o inglês de Canon Roberts. New York: E. P. Dutton and Co. 1912.

### Referências bibliográficas

D'Agostino, B. "Il mondo periferico della Magna Grecia", IN: *Popoli e civiltà dell'Italia Antica*, II, 1987. 179-271.

Dias, C. K. B. "Colonização grega e contato cultural na Magna Grécia: o testemunho dos vasos lucânicos", IN: *AEDOS* Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS, Nº 5, vol. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs/aedos>>.

Pollini, A. "Militarização dos contatos entre gregos e itálicos no final do século V a.C.: o caso da necrópole do Gaudo de Poseidônia e Paestum (Campânia, Itália)". IN: FUNARI, P. P. (org.) *História militar do Mundo Antigo: guerras e culturas*. Annablume Editora, 2011.

Pontrandolfo, A.; D'Agostino, B. *Greci, etruschi e italici nella Campania e nella Lucania tirrenica*. Actes de la table ronde de Rome, 1990. 101-116.

Pontrandolfo, A. "Un'iscrizione posidoniata in una tomba di Fratte di Salerno". IN: *Annali dell'Istituto Universitario Orientali di Napoli, Sezioni di Archeologia e storia antica*, IX, 1987. 55-63

\_\_\_\_\_ "Culture a contatto in Campânia. Processi di trasformazioni tra V e IV secolo a.C. Il Golfo di Salerno". IN: *ACME – Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano*, LXIV II. 2011. 55-64.

Trendall, A. D. *Red figure vases of South Italy and Sicily*. Thames and Hudson, 1989.